

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DOS MIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL¹

Elisa de Almeida Gonçalves²

RESUMO

O artigo analisa as narrativas midiáticas da migração haitiana no Brasil. Coletamos no Portal de Notícias G1, notícias que evidenciam de quais formas a mídia brasileira faz uso de estereótipos e estigmas que reforçam ideias negativas na luta pela sobrevivência dos haitianos no Brasil, assim como identificar os casos de discriminação racial, xenofobia, questões de gênero e violência. Abordamos os processos migratórios dos haitianos para o Brasil.

Palavras-chave: Estereótipos (Psicologia social) - Brasil. G1 (Jornal) - Estudos de caso. Haiti - Emigração e imigração. Jornais - Manchetes.

ABSTRACT

The article analyzes the media narratives of Haitian migration in Brazil. We collected on the G1 News Portal, news that shows how the Brazilian media makes use of stereotypes and stigmas that reinforce negative ideas in the struggle for the survival of Haitians in Brazil, as well as identifying cases of racial discrimination, xenophobia, gender issues and violence. We approach the migratory processes of Haitians to Brazil.

Keywords: G1 (Newspaper) - Case studies. Haiti - Emigration and immigration. Newspapers - Headlines. Stereotypes (Social psychology) - Brazil.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Relações Internacionais, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Mércia Guilherme Vitorino.

² Graduanda em Relações Internacionais e Bacharela em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O principal objetivo do presente estudo está em colocar em evidência as narrativas midiáticas brasileira acerca dos migrantes haitianos no Brasil. O artigo inicia-se com o processo migratório dos haitianos para o Brasil, destacando como um dos principais motivos de tantas migrações, o terremoto de 2010, considerada a pior catástrofe do país. No entanto, é importante observar que o Haiti sempre passou por instabilidade política. Em seguida, explana-se sobre as relações existentes entre o Brasil e o Haiti. Anterior ao período de intensas migrações dos haitianos para o Brasil, já existia fortalecimento de laços diplomáticos entre ambos países.

Na sequência, trata-se de um trabalho de desconstrução, com contribuições fundamentais que serão destacadas a partir das perspectivas pós-coloniais. Entende-se que os estudos pós-coloniais são estudo de fronteiras, ou seja, contato de migrantes a um determinado local. Logo depois, o enfoque central desse estudo concentra-se no imaginário midiático brasileiro acerca dos migrantes haitiano. Analisar o papel da mídia faz fundamental, pois a construção do imaginário é baseado no reforço de estigmas.

Sabemos que a pobreza, a guerra e as catástrofes naturais fazem com que o migrante, na esperança de resgatar a sua dignidade, saia em busca de uma melhor qualidade de vida. A realidade, na maioria das vezes, é de abandono social, fome, o desemprego, a discriminação os espreitam, enfim, são muitos os desafios dos migrantes ao chegaram em outros países.

Para intuir as conclusões trazidas neste artigo utilizou-se o método de análise de conteúdo. Através da análise de conteúdos midiáticos, busca-se analisar a repercussão da migração haitiana no Brasil, identificando essas narrativas.

Segundo MORAES (1999), a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise conduz as descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Portanto, será utilizada será a mídia digital, o *Portal de Notícias GI* onde será feito o mapeamento para análise de conteúdo. Com isso, pretende-se fazer uma análise descritiva para identificar o que essas notícias dizem, selecionar palavras-chaves para identificar em quantas vezes esses termos aparecem, assim como pretende-se separar esses termos por categoria para assim observar a construção de imaginário midiáticos dos migrantes haitianos. A pesquisa também irá contar com uma revisão bibliográfica, com base na literatura voltada para as temáticas de migração, imaginário, mídia, questões de gênero e racismo. De modo geral, a pesquisa é definida como qualitativa.

Propõe-se evidenciar de quais formas a mídia brasileira faz uso de estereótipos e estigmas que reforçam ideias negativas na luta pela sobrevivência dos haitianos no Brasil, assim como identificar os casos de discriminação racial, xenofobia, questões de gênero e violência.

2 PROCESSO MIGRATÓRIO DOS HAITIANOS PARA O BRASIL

2.1 QUESTÕES TERRITORIAIS

A República do Haiti é um país da América Central, localizado no Arquipélago das Antilhas, no qual faz fronteira com a República Dominicana. A capital do Haiti, como é popularmente chamada a República do Haiti, é a cidade de Porto Príncipe. O país caribenho é marcado por uma história de instabilidade política e econômica, de opressões externas e internas. Vale salientar que, o Haiti foi a primeira república negra do mundo, a primeira nação latino-americana e caribenha a obter independência de um império colonial e a primeira do mundo a abolir a escravidão.

O Haiti foi cenário da colonização europeia, ocupações pelos Estados Unidos, escravidão, revoluções e diversas ditaduras. Em meio a todas adversidades, devemos ressaltar que, para declarar sua independência, o Haiti teve que pagar uma indenização exorbitante ao antigo colonizador, a França.

A luta pela independência foi extensa, dando autonomia às pessoas antes escravizadas, mas também teve um cenário devastador, resultando na destruição da maioria das plantações e a infraestrutura do país. Isso se deu, porque, o custo humano também foi enorme, estima-se que das 425 mil pessoas escravizadas, tenham sobrado apenas cerca de 170 mil em condições de trabalhar para reconstruir o país. A revolução contra os colonizadores levada a cabo após a França se render, trouxe a negação de várias nações, nenhuma reconheceu o Haiti diplomaticamente. Por isso, nações como Portugal e Espanha deixaram o Haiti em isolamento para prevenir que a revolução não se espalhasse por outras regiões.

Em 17 de abril de 1825, o então presidente do Haiti Jean-Pierre Boyer assinou um acordo com o Rei Carlos X, da França. O acordo prometia ao Haiti reconhecimento diplomático pela França em troca de uma redução de 50% das tarifas alfandegárias às importações francesas e uma indenização de 150 milhões de francos (cerca de US\$ 21 milhões hoje), que seria pagos em cinco parcelas. Se o governo haitiano não se rendesse em assinar o tratado, o país não só continuaria isolado diplomaticamente como seria cercado por uma frota de embarcações de

guerra francesas que estava na costa haitiana.

E assim, o Haiti tornou-se a primeira nação independente da América Latina. No continente americano como um todo, foi a segunda república a se formar, após a independência dos Estados Unidos. Tudo isso, resultado de uma revolução liderada por haitianos escravizados. Embora essa conquista seja motivo de orgulho para uma nação que há muitos anos carrega o histórico da colonização, também carrega consigo, resultados dolorosos.

Além do cenário de instabilidades política e econômica, o Haiti por sua localização geográfica se encontra em um local propício a uma série de desastres naturais cujos impactos agravaram ainda mais o cenário socioeconômico do país e conseqüentemente o país não estabelece medidas de prevenção e de apoio e reconstrução das estruturas atingidas. Esse fato pode ser notado, a partir da considerada pior catástrofe do país, o terremoto em 2010, que trouxe como consequência, o aprofundamento da situação de vulnerabilidade da população Haitiana.

A localização do Haiti está situada na ilha de São Domingos em conjunto com a República Dominicana. Essa ilha se encontra integralmente sobre a placa do Caribe, que fazem encontro com outras três placas: Norte-Americana, Sul-Americana e de Cocos. Portanto, é uma região de elevada instabilidade tectônica. Haiti e República Dominicana dividem uma ilha, a segunda maior do Caribe depois de Cuba. O incidente diplomático é marcado por uma história de tensa convivência entre as duas nações. Os haitianos não deixaram passar o massacre de cerca de 30 mil conterrâneos na República Dominicana em 1937, que aconteceu sob as ordens do ditador Rafael Trujillo. Por outro lado, os dominicanos lembram-se do severo regime de ocupação que foi imposto pelo governo haitiano de Jean-Pierre Boyer, entre os anos de 1822 e 1844. Há diferenças culturais entre as duas sociedades que alimentam preconceitos na República Dominicana, onde a população reivindica uma herança índia e espanhola, enquanto os haitianos invocam a sua herança africana.

Um determinado local pode ser considerado suscetível a desastres naturais, não só por sua localização geográfica, mas por habilidades de enfrentamento, tanto na capacidade econômica, quanto na gestão política. Os países considerados mais pobres, independentemente da sua localização, acabam sendo os mais afetados, devido a diversos fatores, sendo eles, a falta de sistemas de alerta precoce, análise de riscos, construções inadequadas; falta de capacitação para a população em saber lidar em caso de desastres naturais; além da escassez dos mecanismos de proteção civil.

O terremoto que atingiu o Haiti, com magnitude sísmica 7,0 na escala Richter, percorreu aproximadamente 22 quilômetros da capital. Com isso, 80% das construções de Porto Príncipe

foram destruídas, gravemente danificadas. Porto Príncipe foi construído de forma que potencializou a destruição, de forma espontânea com a ausência de recursos essenciais de construção civil. O resultado dessa tragédia ocasionou na morte de mais de 220 mil pessoas, incluindo 96 membros das forças de Paz da ONU. O terremoto destruiu a capital, a economia, a infraestrutura do Haiti e levou a um período de muita incerteza política. Por causa do terremoto, 1,5 milhões de haitianos perderam suas moradias, vivendo sem saneamento básico, sem coleta de lixo, sem rede de água e esgoto e moram em acampamentos. Além disso, houve também a proliferação da cólera, doença que é transmitida pelo contato com água contaminada.

2.2 PROCESSOS MIGRATÓRIOS ENTRE BRASIL E HAITI

O Haiti sofreu vários golpes militares e foi governado por ditadores durante muitos anos resultando na perseguição a opositores e na morte de muitos habitantes. Essa situação fez com que a Organização das Nações Unidas (ONU) intervisse na política nacional, sendo o Brasil responsável pela pacificação naquele país. Conforme dados da ONU, o Haiti detém o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do continente americano.

Em 2004, o Brasil passava por um período de reinvestimento nas Nações Unidas, reconfigurando suas estratégias na Organização. O país buscava assumir um papel de articulador de iniciativas multilaterais, um ator que teria a necessidade de ser consultado pelos demais. Na prática, essa intenção tinha pretensões de formar coalizões como o “Fórum de Diálogo Índia, Brasil e África do Sul” - IBAS ou o G20 de Cancun, em 2003, com objetivos positivos ou negativos. Havia também, uma disposição de expandir sua área de atuação do ponto de vista geográfico, de tornar-se um empreendedor normativo. As Nações Unidas e seu Conselho de Segurança tornaram-se um lugar privilegiado para o desdobramento das ambições da política externa brasileira.

Ainda em 2004, o Conselho de Segurança da Nações Unidas (CSNU) editou a Resolução 1542, criando a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, a MINUSTAH, motivada pelo pedido de ajuda do então presidente do Haiti Jean- Bertrand Aristide, após sua saída do país. O Brasil aceitou participar da MINUSTAH de forma imediata, de acordo com o histórico das participações brasileiras em missões de paz, comandando as tropas e contribuindo com 1.200 militares.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas, definiu como atribuições iniciais da MINUSTAH, levar ajuda humanitária, promovendo a normalidade institucional no país, restabelecendo a segurança e assim protegendo os direitos humanos. Dentre as funções

atribuídas aos soldados, auxiliaram no atendimento médico e odontológico, na distribuição de roupas e alimentos e também na manutenção de escolas. Desde o início da missão, a MINUSTAH permaneceu sob o comando brasileiro mesmo com outros 15 países que também integraram a operação. 37 mil soldados foram enviados para o Haiti, o governo brasileiro alega ter gastado cerca de R\$2,5 bilhões. O ONU, ressarciu com R\$930 milhões, para que esse investimento fosse colocado na Missão de Paz. Ao coordenar a MINUSTAH, o Brasil ampliou sua atuação no cenário internacional. Com isso, o Brasil mostra sua relevância para América Latina e o Caribe, tudo isso em prol da sua busca por um assento permanente no CSNU. Após denúncias e intensificação de desastres ambientais, o CSNU deu a Missão de Paz no Haiti por encerrada. Por meio da Resolução 2350, assinada em abril de 2017, o órgão da ONU estendeu a missão por mais 6 meses, a fim de que fosse feita a retirada dos soldados gradualmente. Portanto, o fim da missão foi atingida com a realização das eleições em 2016, que colocou o empresário Jovenel Moise à frente do governo haitiano.

Saber as motivações que levou o Brasil a participar de Missões de Paz, assim como as consequências dessa participação é fundamental. O fluxo migratório de haitianos para o Brasil, pode ser entendida como consequência da MINUSTAH, que mostra a realidade brasileira sobre a xenofobia. Portanto, ter consciência remete a possibilidade de pensar em políticas públicas para enfrentar esse preconceito, sendo necessário transformar em realidade os princípios democráticos e humanitários defendidos tanto pelo Brasil quanto pela ONU.

Sendo assim, o Brasil entra na rota da migração haitiana devido a um fortalecimento desses laços diplomáticos entre Brasil e Haiti e pela presença brasileira no país de 2004 a 2017, cujo objetivo seria reestabelecer a segurança do país diante dos inúmeros casos de violência, desde então o Brasil ficou responsável pelo comando das forças de paz no Haiti. O Brasil deixou o Haiti, após a missão de paz, com uma visão positiva da ajuda humanitária. Portanto, é fundamental abordar que a própria MINUSTAH é alvo de uma série de violações de direitos humanos, denúncias constantes, sobre abusos de soldados contra a população, uma epidemia de cólera, sendo uma doença jamais registrada no país até então, processos que correm em sigilo e que não são abordados pelas tropas brasileiras ou pela ONU.

O aumento do número de migrantes haitianos trouxe desafios ao governo brasileiro, confrontado com um novo tipo de situação, passaram a buscar alternativas de tratar essa questão, sendo uma delas a criação do visto humanitário concedido ao migrante haitiano. O visto humanitário passa a ser uma alternativa provisória, que mesmo considerando os aspectos humanitários que caracterizam esse indivíduo, trata o migrante apenas como um migrante econômico e não como um refugiado. Assim os migrantes haitianos não possuem os mesmos

direitos que um solicitante de refúgio, passando a contar com o auxílio da sociedade civil.

O Conselho Nacional de Imigração – CNIg³, dentre suas atribuições: visa formular a política de migração, coordenar e orientar as atividades de migração e solucionar casos omissos no que diz respeito a imigrantes. Segundo o IMDH⁴, após ampla reflexão e análise da situação do Haiti e das graves consequências que o terremoto de 2010 causou na população, em toda a estrutura social e governamental, considerou e decidiu conceder residência por razões humanitárias aos casos de solicitações de refúgio remetidas pelo CONARE ao CNIg, amparadas pela Resolução n. 08/06, acima citada. Segundo dados da Polícia Federal fornecidos ao CNIg, aproximadamente 93 mil haitianos entraram em território brasileiro entre 2010 e 2017.

3 PERSPECTIVAS PÓS-COLONIAIS

Trata-se de um trabalho de desconstrução, com contribuições fundamentais que serão destacadas as perspectivas pós-coloniais. Os estudos pós-coloniais são estudo de fronteiras, ou seja, contato de migrantes a um determinado local. Portanto a teoria pós-colonial busca transgredir nesse contato, questionando e visando estabelecer novos espaços e novas relações. A partir disso, encontra-se o lugar central para as questões de migração e comunidades migrantes.

O pensamento pós-colonialista (também referenciado como teoria pós-colonial ou estudos pós-coloniais) surgiu nos anos 80 através de literaturas produzidas por escritores como Albert Memmi com a obra *O colonizador e o colonizado* (1965), Gayatri Spivak e sua obra *Como pode o subalterno falar?* e Edward Said com o *Orientalismo* (1978). Essas obras apresentam uma visão de mundo do ponto de vista de países que passaram pelos processos de colonização e descolonização evidenciando o modo como a colonialidade influenciou e continua influenciando as relações de poder e a produção de conhecimento desses países. O Pós-Colonialismo quebra com a lógica das teorias *mainstreans* das Relações Internacionais questionando um conjunto de pressupostos dados que foram construídos sob uma ótica do colonizador.

Para entender o Pós-Colonialismo, primeiramente é preciso definir o que foi o período colonial. Este se divide em três períodos: o primeiro período aconteceu no século XVI quando predominantemente Espanha e Portugal iniciaram a conquista e colonização da América Latina,

³ É um órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e tem, nos termos do Decreto n. 840/93.

⁴ Instituto Migrações e Direitos Humanos.

o segundo período aconteceu no século XVIII quando potências europeias dominaram o continente Africano, e o terceiro período no final século XIX e início do século XX quando França, Inglaterra e Estados Unidos passaram a exercer sua influência no Oriente Médio. O colonialismo desenvolveu uma relação de dominação direta, político-social e cultural dos europeus sobre os povos dominados, sendo ambas reconhecidas como a tríade opressora.

A teoria pós-colonial está intrinsecamente relacionada ao conceito de colonialidade que vai além do colonialismo. Segundo Grosfoguel (2008), a colonialidade nos permite compreender a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema capitalista moderno-colonial. Em oposição imediata a colonialidade, está à modernidade, ambas são indissociáveis visto que representa o lado obscuro necessário a existência da outra. A modernidade é construída a partir de uma visão eurocêntrica, que através do esforço da razão do homem é capaz de proporcionar um novo desenvolvimento para os povos ditos como não civilizados da América Latina, África e do Oriente Médio. As obras de Edward Said serão de grande importância nos estudos de como as relações de poder são capazes de moldar a representação do outro nas Relações Internacionais. Por meio da análise da literatura produzida nos países de dominação colonial, Said evidencia como a relação entre Ocidente e Oriente, de certa forma, contribui para própria definição do que seria um e outro através da experiência de contraste.

Gayatri Spivak produziu um trabalho, cujo principal característica é a crítica a concepção de um sujeito coletivo, homogêneo e monolítico. Spivak defende que a cultura não pode ser entendida a partir de um único ponto de vista que determina os desejos e ações de um determinado sujeito, visto que essa reflete o movimento muito mais abrangente e heterogêneo. Spivak mostra a importância do local de fala do subalterno e de que o intelectual não deve ocupá-lo, pois a fala deste último é carregada de pressupostos hegemônicos que se articulam e camuflam um discurso especializado. A crítica pós-colonialista trará para centralidade das discussões questões de raça, gênero, desigualdade de classe e principalmente a representação, tendo como ponto de partida os legados do colonialismo e do imperialismo para o exercício do poder, das relações materiais e culturais que moldam as Relações Internacionais.

O argumento central dos estudos pós-coloniais concentrasse na ruptura da história única sustentada pelas narrativas sustentadas pela ideologia do colonizador. O estudo também expõe as ideias de dominação do homem pelo próprio homem, para justificar o processo dito como civilizatório, em que a cultura e a sociedade tentarão se sobressair à outra para transformar outros povos em reprodutores de sua cultura, língua e sociedade.

Boaventura de Sousa Santos (2004) faz uma discussão epistemológica sobre o pós-

moderno abordando também o pós-colonial. Em seguida, discute sobre a violência do colonialismo no ocidente, enfatizando que jamais foi concluída na auto representação da modernidade ocidental. Quanto ao pós-colonialismo, o autor entende:

[...] um conjunto de correntes teóricas e analíticas, que tem em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo. A perspectiva pós-colonial parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais visíveis. Daí o interesse por problematizar quem produz conhecimento, em que contexto e para quem o produz (SANTOS, 2004, p.8)⁵.

Portanto, a teoria pós-colonial está inserida num grupo de correntes teóricas e indutivas ainda presentes nas ciências sociais objetivando um melhor entendimento sobre o mundo moderno.

4 IMAGINÁRIO MUDIÁTICO

4.1 O IMAGINÁRIO SOCIAL

Nessa pesquisa faz-se necessário discorrer acerca do imaginário e de seus desdobramentos enquanto Imaginário Social, uma vez que nos propomos a analisar as narrativas acerca dos migrantes haitianos.

Gilbert Durand (1993), elaborou seus estudos sobre o imaginário sobretudo afastando-se do clássico pensamento ocidental e de pensamentos atrelados às ideias associacionistas, bergsonianas e sartreanas, que segundo ele minimizavam a imaginação e o imaginário não os valorizando, e sim os confundindo com a percepção e com as sensações. Por não valorizarem a imagem enquanto símbolo, enquanto força, enfraquecem o imaginário, chamando-o de “a louca da casa”.

Durand, na obra *O Imaginário – ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*, lançada em 1994, apresenta sua proposição para um estudo de valorização das imagens a partir de uma análise do posicionamento iconoclasta socrático-cristão- ocidental enquanto o detentor “da verdade”, o qual prevaleceu por alguns séculos em nossa cultura. O autor, cita posteriormente também reforçado pela invenção de Gutemberg que nos levou a “supremacia da

⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do pós-moderno ao pós-colonial**: além de um e de outro. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, setembro de 2004.

imprensa e da comunicação escrita”. Ao reconhecer esta inovação que envolve “processos de produção, transmissão e recepção de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas, do museu do imaginário”.

Durand (1994), vai salientar a importância de nos voltarmos aos estudos dos meios midiáticos pelo alcance e encantamento que exercem, fomentando assim os imaginários e compondo uma “revolução cultural” e comportamental como observamos hoje a partir das expansões da internet, que trouxe consigo novas formas de relacionamento e socialização com o uso de redes sociais, por exemplo. Uma das formas de se perceber a constituição do imaginário social a partir de sua representação simbólica e midiática que demonstram os valores não só de um indivíduo, mas de um grupo social que ajuda a criar, a manter e a modificar a realidade a qual pertencem.

4.2 A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA MIDIÁTICA

Durante a Guerra Fria (1945-1991), que os meios de comunicação tiveram um impulsivo crescimento por ser utilizados como estratégia para as duas superpotências em conflito e por conta disso, continuou desempenhando essa função no pós-guerra. A mídia é uma das maiores difusoras de informação e entretenimento existente atualmente, por tamanha importância, a mídia cria organizações sociais a partir do momento em que tem domínio de circulação de notícias e conteúdo a ser transmitida a sociedade. Sua força de manipulação pode censurar variados assuntos, ou seja, em discursos midiáticos prevalece à vontade da mídia de publicar apenas o que se deseja.

Em 2010, quando ocorreu o terremoto no Haiti, ocasionando o deslocamento de milhares de haitianos, com isso, o Brasil passou a receber um intenso fluxo de migrantes haitianos configurando assim, um novo contexto de migração no país, tanto nos aspectos políticos, econômicos, socioculturais e até mesmo em abordagens midiáticas. Com a expansão do fluxo migratório, ampliaram-se também as notícias sobre os haitianos na mídia brasileira e a partir dessas reportagens, constrói-se um imaginário de que os migrantes haitianos são “invasores” que chegam para ocupar o território brasileiro.

Ocasionalmente a mídia brasileira, informa casos de haitianos sofrendo algum tipo de violência enquanto migrantes no Brasil. Este trabalho busca identificar de que forma ocorre a construção da narrativa sobre as violências contra os migrantes e a repercussão desses discursos nas vivências e experiências cotidianas dos mesmos. Há pretensões em identificar a frequência em que os casos de discriminação racial e xenofobia estão frequentes na rotina dos haitianos no

Brasil e o tão pouco espaço na mídia para temas como estes.

Segundo o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), em 2008, quatro ciclones atingiram o Haiti levando a perdas econômicas da ordem de 15% do PIB. No plano econômico, apesar de um tímido aumento do PIB em 2007, da ordem de 3,4%, parcela considerável da população vivia em condição de pobreza extrema. Estimativas apontavam que 56% da população possuía renda inferior a USD 1,00 por dia e que 76% tinha renda inferior a USD 2,00 por dia. A distribuição espacial da população indicava um país com forte composição rural. Em 2009, 53,1% da população vivia no campo.

Nesse contexto, o Brasil surgiu como um dos destinos da diáspora haitiana. Segundo a análise de alguns conteúdos midiáticos percebe-se a cobertura negativa de parte da grande mídia, classifica a migração como “invasão haitiana”, criando desconfiança na sociedade brasileira. Cabe também mencionar que, desde 2012, o Brasil tem adotado política migratória de caráter humanitário para haitianos. Com a entrada em vigor no Brasil, da nova legislação sobre migrações e a publicação de portaria interministerial, em abril de 2018, foi mantida a política de acolhida humanitária de cidadãos haitianos.

Compreende-se, como as mídias digitais brasileiras, tem fomentado debates acerca dos migrantes haitianos no Brasil, quais as incidências de visibilidades desses migrantes haitianos. No que diz respeito ao conceito de imaginário, Glissant (1997) nos diz que, o imaginário é uma construção simbólica mediante a qual uma comunidade seja ela racial, nacional, imperial, sexual, se define a mesma.

4.3 O IMAGINÁRIO MIDIÁTICO ACERCA DOS MIGRANTES HAITIANOS NO BRASIL

Com a expansão do fluxo migratório de haitianos para o Brasil, houve a ampliação das notícias acerca dos haitianos na mídia brasileira. Destaca-se que, a partir da análise de conteúdo das notícias, narrativas pretensiosas das reportagens, remetendo a migração haitiana a termos estereotipados, tais como, problema, chegada massiva, invasão, fuga, descontrole por parte das autoridades e ilegalidade, etc. A mídia brasileira nos informa sobre casos de haitianos sofrendo discriminação racial, xenofobia, violência, etc. Neste artigo, analisamos cerca de 20 notícias em versão digital, publicadas pelo *Portal de Notícias G1*, sobre migração haitiana.

Com a intensificação do fluxo de haitianos vindo para o Brasil, a partir de 2010, observa-se, o papel que a mídia vem ocupando, crescentemente, em enunciar a visibilidade a essa migração, propondo e formando disputas em torno dos modos de vivenciar as distinções representadas pelos haitianos, assim como impactando para a constituição dos processos de

inserção e cidadania dos migrantes haitianos no Brasil.

Ao analisar, o Portal de Notícias G1, percebe-se o uso de palavras que reforçam imaginários que causam impacto aos migrantes haitianos e no comportamento da sociedade. A imagem que os haitianos tem do Brasil é totalmente diferente a qual as experiências que ele vivencia. De acordo com a tabela abaixo, pode-se observar que, entre as 20 notícias selecionadas:

Tabela 1 - Percentual das Notícias

Categoria/Notícias	Porcentagem
Violência (Física/Psicológica)	40%
Gênero	35%
Xenofobia	15%
Racismo	5%
Acessibilidade	5%

Fonte: Autoria Própria.

Nesse processo migratório, percebe-se também, o crescimento da presença feminina. Observa-se a “feminização das migrações”, conceito utilizado por teóricos da migração (MARINUCCI, 2007), para apontar questões que envolvem as mulheres nesse contexto migratório. Portanto, a feminização das migrações associa-se as dificuldades que afetam as mulheres migrantes, tais como, acesso à educação, mercado de trabalho, saúde, falta de autonomia, vulnerabilidade e violência.

De modo geral, embora a feminização perpassasse as migrações contemporâneas, as mulheres migrantes permanecem invisibilizadas na compreensão desse acontecimento. As especificidades da migração das mulheres não são consideradas nesse processo, pois a tratam como variável do padrão migratório masculino (MARINUCCI, 2007).

No título da notícia do G1, em 04/02/2021 – *“Haitiana diz ter sido agredida por comerciante e filho em Uberlândia”* prenuncia questionamentos da vulnerabilidade das migrantes haitianas. No corpo da notícia relata que, embora a migrante tenha sido agredida e o ocorrido foi registrado pela polícia local, não houve uma procedência legal para esse fato. Mediante a provas, nenhum suspeito foi preso. Isso nos mostra, o quanto as especificidades dos migrantes tem sido invisibilizadas.

Outro fato a ser observado, há uma ligação entre os casos de violência, gênero e racismo.

Ao analisar o corpo das notícias, pode-se observar que os atos de violência são decorrentes dos atos de racismo, assim como os atos de violências estão ligados as questões de gênero. Assim, a violência é um tema evidente em relação a criação de estereótipos que afeta os haitianos.

Embora, o presente artigo, tenha apresentado um pequeno número de notícias que embasam e reforçam os estereótipos criados pela mídia brasileira, as reflexões feitas não se limitam as mesmas. Diferentes relatos acerca da chegada dos migrantes haitianos para o Brasil apontam, também, as fragilidades da política migratória brasileira e da atuação da esfera pública governamental no atendimento aos migrantes.

O racismo, aparece poucas vezes na coleta de dados, mas ao observar as matérias, um dos maiores motivadores de violência contra os migrantes tem sido o racismo. Isso evidenciaria algum tipo de amenização por parte da mídia sobre o tipo de crime praticado contra haitianos que é violência de caráter racista/racial. A xenofobia, aparece poucas vezes também na coleta de dados, mas o componente da discriminação por nacionalidade está presente também nas matérias sobre violências e sobre gênero. Em suma, gênero e racismo foram as duas categorias mais fortemente ligadas à questão da violência e xenofobia. Sobre a questão da acessibilidade econômica e ao emprego, verificar esse tema, se justifica por conta da política brasileira para refugiados, que garantiria acesso a documentação civil e de trabalho e capacitação profissional. Em resumo, o país ajudaria a reconstruir a autonomia econômica de pessoas refugiadas. Esse tema apareceu apenas 1 vez na coleta de dados, de forma vaga e com informações confusas. A interpretação possível aqui também não pode ser muito precisa, mas vai no sentido de perceber como a temática suscita pouco interesse midiático.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo colocar em evidência as narrativas midiáticas brasileira acerca dos migrantes haitianos no Brasil. Explana-se sobre as relações existentes entre o Brasil e o Haiti. Por se tratar de um trabalho de desconstrução, as perspectivas pós-coloniais trouxeram contribuições fundamentais. Utilizou-se o método de análise de conteúdo, buscou-se analisar a repercussão da migração haitiana no Brasil, identificando essas narrativas, foram analisadas 20 notícias coletadas. O que se observou foi a construção de uma narrativa baseada na exclusão e na violência.

O Haiti, foi o primeiro país do mundo a garantir independência e liberdade para seu povo, através de uma revolução popular. As garantias de reconhecimento ao país, no entanto,

nunca foram plenamente atendidas. Ainda hoje, o país sofre com bastante instabilidade externa e é lido, no cenário internacional, a partir de suas fragilidades e profundos problemas sociais. Haiti e Brasil são territórios que foram atravessados pelo colonialismo e a violência racista é uma das heranças. O Brasil, apesar de, recentemente, ter cooperado com o Haiti em diversas áreas - a destacada aqui foi através da MINUSTAH - não dá a haitianos em seu território o mesmo tratamento solidário. Não à toa, racismo, xenofobia e violências de gênero terem sido as notícias mais veiculadas no Portal G1. Ao cidadão comum que lê essas notícias, os migrantes haitianos são pessoas fragilizadas, brutalizadas e passíveis de violência. Constituindo-se, assim, em um perfeito alvo para a xenofobia praticada no país.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. Dados sobre refúgio no Brasil. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>. Acesso em: 05 jan. 2022.
- Brasil no Haiti, um caso de sucesso: **uma análise da missão brasileira no Haiti** (MENDONÇA) [em Instituto Igarapé – A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017)]
- Comitê Nacional para os Refugiados – **CONARE**.
- CARVALHO, Cleide. **Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti**. In: O Globo, São Paulo, 01 janeiro 2012a, seção País. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/acre-sofre-com-invasao-de-imigrantes-do-haiti-3549381>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- COGO, Denise. **Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais**. Chasqui – Revista Latinoamericana de comunicación, nº 125, p.23-32, marzo, 2014.
- COGO, D. **Migrações contemporâneas como movimentos sociais: uma análise desde as mídias Como instâncias de emergência da cidadania dos migrantes**. Revista Fronteiras estudos midiáticos IX (1): 6473; jan/abr 2007.
- COTINGUIBA, Geraldo. C. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. 154f. Dissertação (Programa de Pós- graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia – Unir/Porto Velho).
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993
- DURAND, Gilber. **O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1994.

FERNANDES, D. **O Brasil e a migração internacional no século XXI notas introdutórias.** In: PRADO, E. J. P.; COELHO, R. (org.). *Migrações e trabalho*. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2015, p. 1939.

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global.** 80 | 2008. *Epistemologias do Sul*.

HAMANN, Passarelli, Eduarda. TEIXEIRA, Carlos Augusto Ramires. **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões.** Edição especial - Coletânea de artigos. Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH).

MARINUCCI, R. **Feminização das Migrações?** Disponível em: http://www.csemj.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf
Acesso em 08 fev. 2022.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes.** 2. ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ROCHA, Leonel; ARANHA, Ana. O que fazer com os imigrantes do Haiti? In: **Revista Istoé.** São Paulo, 05 fevereiro 2011. Seção Brasil. Disponível em: <http://clipping.radiobras.gov.br/clipping/novo/>

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (tradução de Rosaura Eichenberg), pp.27 a 163 e 273 a 437.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do pós-moderno ao pós-colonial: além de um e de outro.** Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, setembro de 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985])

THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

YOUTUBE. Não para a invasão haitiana no Brasil. In: **YouTube**, 12 abril 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LwqljLi-de4&https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv=PGsVscFv4tke>.